



“Erguei-vos, Senhor”

ENTREVISTA COM REGINALDO VELOSO

EM: <http://exsurge.wordpress.com/encontros/reginaldo-veloso/>

Neste primeiro **Encontro**, quero trazer o perfil de alguém ligado **profundamente** à Teologia da Libertação. Sempre quis saber como pensa um TL. Essa curiosidade (persistente) me levou a uma conversa com o ex-Pároco do Morro da Conceição, em Recife: **Reginaldo Veloso**. Arquiinimigo do Arcebispo D. José Cardoso Sobrinho e (pasmem!) colaborador da CNBB para música litúrgica este personagem encarna a essência do “movimento libertário”. Ele é um ícone (local) desse movimento. Não obstante, é um homem extremamente educado e de uma inteligência admirável. Do escritório do CERVAC (organização não-governamental fundada por seus correligionários) ele me concedeu a seguinte entrevista:

Vamos começar falando um pouco do senhor. Como é que surgiu a sua vocação?

Eu sou de origem de uma família religiosa e, desde criança, me envolvi com práticas religiosas. Já com 9 anos de idade (ainda incompletos!), iniciado pela minha avó paterna, eu comecei a – como o povo diz no interior – “tirar rezas” para o povo da minha vizinhança no mês de maio. Depois, estudei em colégio de Padres, no interior de Alagoas, em Palmeira dos Índios, e aí me foi feita a pergunta se eu gostaria de entrar no seminário, de ser padre. Eu tinha 13 anos de idade. E eu, depois de pensar um dia ou dois, dei a resposta positiva, e no mês de janeiro de 1951 vim para Recife, para a Várzea, onde havia o Seminário dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Aí eu comecei. Depois, estudei na Europa, onde diz fiz Teologia. Fiz ainda uma especialização em História da Igreja, e dois mestrados: Teologia e História da Igreja. E voltei para o Brasil em 1966, já ordenado. Eu me ordenei em 1961, antes do concílio vaticano segundo.

Então o senhor ainda celebrou no Rito Antigo?

É. Eu estava em Roma durante todo o tempo em que acontecia o Concílio Vaticano II. Eu estava estudando na Universidade fazendo estes cursos que mencionei. E voltei para o Brasil para ser professor do Seminário. Mas, depois de dois anos e meio, preferi me colocar completamente a serviço do trabalho pastoral. Passei 10 anos na Paróquia da Macaxeira. Em 1978 eu vim para o Morro da Conceição, e até hoje estou por aqui.

O senhor viu toda a transição do Concílio?

Toda a transição. Eu conheço o modelo antigo de Igreja, antes do Concílio. Toda a minha juventude foi neste modelo. Conheci o tempo da transição, e a renovação.

E o seu envolvimento com música? Como é que começou?

Como seminarista, eu sempre participei de corais. Já antes de entrar no seminário, eu gostava muito de música: tocava gaita de boca (realejo aqui no nordeste), e gostava muito das músicas de Luiz Gonzaga. Mas tinha um gosto aberto a todo tipo de música. E, no seminário, participando de corais, cantei o canto gregoriano durante 15 anos. Não tive formação musical propriamente dita (a não ser esta participação em corais). No ano de 1967 eu comecei a fazer canções de protesto. Era coisa da época, muito forte. 1967, 1968 mais ainda! Então em 1967 eu comecei a fazer estas músicas de protesto e as apresentei a alguns amigos (que gostaram!). Em 1969 eu comecei a fazer letras para músicas litúrgicas. No final desse mesmo ano, eu comecei a compor – não só a fazer letras, mas a fazer músicas também – para a liturgia. Foi aí que começou a minha carreira como músico litúrgico, como compositor litúrgico, até hoje.

O senhor ainda é assessor da CNBB para música litúrgica não é isso?

Sim.

Ainda tratando da sua pessoa, como é que começou a sua relação, se é que existe, com a Teologia da Libertação? Com Leonardo Boff?

Bem, tendo eu voltado de Roma – com o Concílio Vaticano II tendo acontecido de maneira tão próxima – eu já vinha com a cabeça virada (como diz o povo) para uma proposta de Igreja mais comprometida com a vida, com os problemas da humanidade. É bom lembrar que o Concílio Vaticano II terminou justamente com a Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo. Foi uma grande avaliação de como está a humanidade, dos grandes desafios e dos compromissos que os cristãos tinham de tentar dar sua resposta, fazer a sua parte, diante desses desafios da humanidade. Eu já voltei de Roma com essa visão de Igreja. Não só voltada para as ações propriamente religiosas, litúrgicas, pastorais, mas voltada para uma compreensão de que alguma coisa a gente tem que fazer nesse mundo diante dos problemas que a humanidade apresenta. Nós, como Igreja, temos que dar nossa contribuição juntamente com todos os homens e mulheres de boa vontade, como dizia o Papa João XXIII, se abrindo para uma participação mais ecumênica, mais aberta a todos aqueles que estão buscando caminhos de vida, de felicidade, de paz para a humanidade. E aqui, na América Latina, sobretudo a partir de 1968 (portanto, dois anos depois que eu voltei da Europa) nós já tínhamos a Conferência Episcopal Latino-americana, que aconteceu em Medellín, na Colômbia. Já estávamos em plena efervescência de uma *experiência* de Igreja engajada politicamente – não necessariamente na política partidária. Mas, no envolvimento nas lutas sociais, no protesto contra os regimes ditatoriais – e no enfrentamento destes sistemas ditatoriais; na luta por mudanças, pela redemocratização. Sobretudo pelo direito dos oprimidos, dos excluídos.

O senhor chegou a ter algum contato com Leonardo Boff, que é ícone da Teologia da Libertação?

Ah, sim. Em encontros de Igreja participávamos de momentos juntos. Essas pessoas tinham assessorias importantes. De qualquer maneira estávamos em comunicação. Participei de toda essa “onda”, que foi muito significativa para a vida da Igreja, que foi uma volta aos ideais, digamos, mais puros do Evangelho: compromisso pelos mais pobres e opção pelos oprimidos.

O senhor já deve ter ouvido a crítica, feita pelos mais ortodoxos, segundo a qual a Teologia da Libertação teria promovido o desvirtuamento da missão do padre. “A Igreja existe para salvar as almas. A parte política existe, mas não é a principal”. O que o senhor diz em relação a isso?

Isso é uma visão muito limitada do Evangelho, da proposta de Jesus (que veio ao mundo com uma mensagem de libertação muito explícita). Ele foi um crítico ferrenho de toda a sorte de opressão e, sobretudo, da opressão religiosa, que mantém as pessoas alienadas e sujeitas a um sistema de dominação que as impede de viver plenamente sua dignidade de filhos e filhas de Deus. Sua dignidade cidadã (é *coibida*) tanto dentro da própria organização religiosa, a Igreja, quanto (muito mais ainda!), dentro da organização social, da sociedade como um todo.

O senhor se definiria como católico apostólico mas não-romano?

Não. Eu sou católico apostólico romano.

Pergunto isto porque se fala muito (sempre negativamente) em “romanização”, “vaticanização”?

Esse é o problema. Eu sou católico romano enquanto para mim é importante estar em comunhão com a Igreja que tem sua sede em Roma a partir de uma longa tradição; que vem do apóstolo Pedro que, segundo o Evangelho, aparece com uma missão bastante específica. É uma missão especial: de ser aquele que junta, que segura as pontas, vamos dizer. Mas que não tem, evidentemente, essa missão entendida da maneira clerical, centralizadora e dominadora (como hoje é exercido este ministério). Eu faço críticas à maneira como o papa, os bispos e os padres exercem seus ministérios, que deveriam ser muito mais ministérios a serviço da participação de todo o povo de Deus, e não ministérios que centralizam todo o poder em suas mãos e colocam o povo numa situação que, e u diria, de dependentes, numa situação infantilizante, e não de pessoas adultas e co-responsáveis.

Agora que analisamos bem a sua figura, queria passar para outro ponto: a figura de D. Hélder Câmara, que hoje é muito evocado como ícone histórico desta arquidiocese e da teologia da libertação. Há inclusive, hoje em dia, um grupo intitulado “Amigos de D. Hélder”. Como é era a sua relação com ele? Qual a imagem que o senhor tem dele? O senhor o vê como um homem afinado com essa ideia de uma igreja mais “participativa”?

D. Hélder foi o meu primeiro bispo. Ele foi e continua sendo a imagem de uma Igreja que não está voltada para o seu próprio umbigo, mas está aberta para a vida da humanidade, os problemas da humanidade, os clamores do que ele chamava “os dois terços da humanidade que vive numa condição sub-humana”. Então, ser bispo, ser padre e ser cristão para D. Hélder era voltar ao que foi Jesus Cristo: alguém que se solidariza completamente com a causa dos oprimidos do mundo, dos excluídos da terra; e que coloca a Igreja a serviço de uma transformação profunda da pessoa e da sociedade.

Quanto tempo de pároco o senhor tem?

Eu fui pároco de 1968 a 1989, quando fui demitido pelo arcebispo atual. Está terminando o tempo dele. De 1968 a 1985 eu fui padre da diocese de D. Hélder Câmara. Inclusive eu deixei a congregação religiosa a que pertencia, e passeia ser padre diocesano.

Qual era a Congregação?

Era a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, que tem a sede lá em Camaragibe, no Seminário Cristo Rei.

Quando houve a transição D. Hélder – D. José, qual era a expectativa – não só do senhor, mas do clero da época – a respeito do novo arcebispo? Sabia-se, ou supunha-se, o rigor maior com que ele trataria a arquidiocese? As expectativas eram negativas, ou eram boas e ele as frustrou?

Para os padres que tinham um engajamento maior numa pastoral no estilo de D. Hélder Câmara foi uma decepção: um bispo que viveu 25 anos em Roma e depois passou quatro anos no interior de Minas Gerais. Era natural de Pernambuco, mas não tinha nenhuma vivência pastoral, nem humana, simplesmente, com essa região do nordeste. Mas eu, pessoalmente, me guardei de qualquer atitude preconceituosa. Nos primeiros tempos – primeiro ano, entrando pelo segundo ano – eu tentei estar aberto. Eu tinha uma atuação aqui nos altos e córregos de Casa Amarela: eu era coordenador pastoral deste setor. E eu me coloquei de maneira muito disponível. Convidei o arcebispo para visitar o morro da conceição. Preparamos da melhor maneira o encontro das comunidades daqui da paróquia com ele. O povo já demonstrava muita desconfiança. Mas eu tentava explicar que ele estava chegando, estava dando os primeiros passos, mas, certamente, havia esperança de que ele ficasse mais próximo do povo. Porém, na campanha política em que José Múcio e Miguel Arraes eram candidatos a governador (não sei se foi em 1986 ou 1987), o bispo apareceu no guia eleitoral da Arena (não lembro se já era PFL). Aí, então, os movimentos de Igreja mais afinados com uma prática libertadora, os padres, religiosas, e pessoas mais engajadas num modelo de Igreja no estilo de D. Hélder (que tinha realmente, do ponto de vista político, uma orientação para a esquerda) se indignaram.

Ele apareceu apoiando o partido ou o candidato, foi isso?

Ele apareceu recebendo o candidato do PFL (ou da Arena) no palácio. Deixou-se filmar e apareceu gratuitamente no guia do PFL. Ele não dizia que estava apoiando, mas aparecia com o candidato. O resultado foi uma reação muito forte. Foram escritas cartas de protesto. Uma delas foi da então Ação Católica Operária a qual eu assessorava. E a Ação Católica fez uma carta muito forte, denunciando a volta da opção pelos ricos por parte de quem dirigia a arquidiocese. Nós dizíamos que, depois de mais de 20 anos de uma opção pelos pobres, feita pelo arcebispo D. Hélder Câmara, a gente voltava, com D. José, à opção pelos ricos.

O senhor mencionou a Ação Católica Operária. Esta entidade tinha uma relação muito próxima com o atual presidente da Câmara dos vereadores – candidato à reeleição como vereador – Josenildo Sinésio. O senhor tinha, naquela época, algum tipo de relação com ele?

Não. Ele surgiu, tanto no cenário da Igreja quanto no cenário político (aqui no morro da conceição) no tempo que eu era pároco do morro.

O senhor falava de uma desconfiança do povo em relação a D. José?

Exato. A partir do episódio que eu mencionei (*a aparição pública do arcebispo prestando, tacitamente, seu apoio político ao candidato de direita*), começou o conflito aberto. E, dentro deste conflito aberto, eu estava do lado dos que protestavam. No ano de 1988 vieram os problemas na coordenação de pastoral do Regional Nordeste 2. Ele (*D. José*) andou mudando pessoas de uma orientação para nós

importante. Depois, em 1989, veio o fechamento do seminário do Regional Nordeste 2 e do Instituto de Teologia, o ITER. Tudo isso provocou manifestações grandes, no centro da cidade. Em dezembro de 1989, 3 dias depois da Festa do Morro (de cujo encerramento ele não veio participar) aconteceu que eu estava na casa de uma irmã minha, em Maceió, no dia do aniversário dela, tirando uns dias de folga após 10 dias da Festa (que foi muito trabalhosa!), quando recebi o telefonema de uma prima, informando que o NETV noticiara que eu havia sido demitido da paróquia e suspenso do exercício do ministério presbiteral. Eu soube por telefone. Ele nunca me chamou para conversar.

Antes disso ele não havia conversado o senhor?

Ele conversou comigo em Abril do mesmo ano (1989), me formulando o pedido que eu deixasse a paróquia. Eu pedi um tempo. Depois disso, ele não me chamou mais para conversar. Escreveu-me duas cartas (ameaçadoras), me demitiu, mas não me chamou para conversar.

Que motivos ele alegou para lhe demitir?

Dizia que eu estava tomando uma atitude de inimigo dele, que eu estava cometendo sérios delitos do ponto de vista do direito canônico, e a qualquer momento eu poderia ser punido de acordo com o mesmo direito. Finalmente, por conta destas “transgressões”, saiu essa punição no dia 11/12/1989.

E como é que o senhor reagiu a isso?

Eu recebi a notícia com certa estranheza. Embora já aguardasse que mais dia menos dia iria acontecer algo desse tipo. A estranheza era mais a de ter recebido essa notícia pela televisão; do arcebispo não me haver chamado para comunicá-la. Agora, grande foi a reação da população!

Principalmente da população de Casa Amarela?

De Casa Amarela sim, mas também um pouco de toda a cidade. Houve até uma grande passeata, se eu não me engano no dia 26 de dezembro, da praçinha do diário até o palácio do bispo, com alguns milhares de pessoas que protestaram.

Nesse período em que o senhor pensava na situação do seu ministério, o senhor cogitou pedir dispensa das obrigações sacerdotais?

Não. Em nenhum momento. Nem quando eu resolvi me casar. Quando eu escrevi para as autoridades do Regional Nordeste 2, ao tribunal eclesiástico, comunicando a minha decisão de casar, eu pedi que considerassem a minha vontade de continuar exercendo o ministério.

Então o senhor queria continuar casando e exercer o ministério?

É. Como, de fato, eu exerço – não oficialmente. Eu acompanho 3 pequenas comunidades eclesiais de base e recebo muitos pedidos, durante o ano todo, de pessoas que não se sentem mais à vontade participando de certas cerimônias, tal como elas são realizadas oficialmente pela Igreja. Elas, então, me chamam. Contam comigo, com meus serviços. Eu faço vários tipos de celebração.

O senhor celebra a missa, batiza, confessa, etc.?

É. E eu faço de acordo com o rito da Igreja.

Usa os livros litúrgicos?

Alguns.

Alguns?

É. E não faço em ambientes de Igreja.

É sempre em ambientes reservados?

É. Em casas de família, às vezes no salão comunitário.

O senhor ainda tem paramentos?

Eu não visto os paramentos oficiais. Visto túnicas que são também para os ministros leigos.

O senhor não usa os paramentos oficiais do tipo estola, etc.?

Não.

Então o senhor nunca cogitou a possibilidade de pedir dispensa?

Não.

Há algum tempo li uma reportagem que afirmava que o bispo que se tornou presidente do Paraguai, D. Lugo, pediu a dispensa. Um comentário de um outro bispo, dizia que, com esse pedido de dispensa ele ficaria “de bem” com a Igreja e de bem consigo mesmo, já que realizaria sua vontade. Mas, até hoje, pedir dispensa não passa pela sua cabeça de jeito nenhum?

Não. Não passa.

Na época em que o senhor foi destituído do cargo houve alguma crise de consciência do senhor?

Não. De jeito nenhum.

Nem quando casou?

Também não. Tudo ocorreu muito tranquilamente.

Hoje, como é que é a vida do senhor? O senhor é assessor da CNBB para música litúrgica??

É. Eu presto serviços a Igreja toda. Este ano eu estive em 5 dioceses assessorando cursos de música e liturgia. Estive 2 vezes em São Paulo participando do Encontro de Compositores Litúrgicos, promovido pela CNBB. Participei do Encontro Nacional da Pastoral Litúrgica, promovido também pela CNBB, no mês de fevereiro. Estas últimas informações eu gostaria que você não publicasse no seu blog. Diga, de maneira geral, que eu continuo, ocasionalmente, prestando serviços a dioceses e à CNBB, quando sou convocado, dentro dessa minha especialidade. Porque se você detalhar muito pode provocar as “iras dos deuses”.

E este lugar, o CERVAC, o que é que senhor faz aqui?

Isto aqui não é uma obra da Igreja. É uma ONG que surgiu um pouco de pessoas que passaram por este processo de evangelização, de pastoral libertadora.

Mas qual o cargo que o senhor desempenha aqui?

Hoje eu sou o coordenador geral do CERVAC. Mas só recentemente, nesses últimos dois anos. Antes disso não tinha cargo nenhum.

E hoje o senhor é casado? Tem filhos?

Tenho um filho com 13 anos.

E qual é o trabalho do senhor atualmente?

Eu trabalho na Secretaria de Educação do Recife como assessor de um programa de animação cultural nas escolas – programa esse que eu fundei em 1993. Faz, portanto, 15 anos que eu presto esta assessoria.

Com relação ao que podemos chamar de “vida sacramental”, estou vendo aqui a liturgia das horas? O senhor reza ainda o breviário?

Rezo.

Reza o breviário ainda?

Rezo.

E a participação na celebração dominical? O senhor mesmo celebra?

Eu celebro a cada no domingo com uma das comunidades, ou participo de uma celebração feita pelo pessoal da comunidade.

O senhor se arrepende de alguma coisa? Alguma palavra dita, ou ação tomada?

Não. Porém, nós temos sempre as nossas fragilidades, nossas limitações, de modo que sempre temos um pouco do que nos arrepende. Mas não dessas decisões às quais eu me referi ao longo da minha história. Destas eu não me arrependo. Nem de ter sido celibatário, nem de ter me casado. Não me arrependo. Acho que minha vida como celibatário teve um sentido importante. Minha vida como casado, hoje, tem um sentido importante. É também uma contribuição para a Igreja.

Como o senhor avalia a atual situação da Arquidiocese? Quais são suas expectativas para a sucessão de D. José Cardoso Sobrinho?

As expectativas são as de que não aconteça o que o povo diz: “em cima de queda, coice”. A coisa andou muito ruim estes anos todos. A gente espera que não chegue coisa pior para a Arquidiocese. Porque já foi um esvaziamento, um esmagamento, um desmonte que custou muito caro a uma experiência de Igreja que era tão bonita, tão significativa, que fazia com que o Recife ocupasse um lugar de destaque no cenário mundial da Igreja, e na história da humanidade, com a presença de D. Hélder no trabalho que aqui foi desenvolvido. Tudo isso foi desmontado, foi esvaziado. Hoje está reduzido a quase nada. Nós somos um “pequeno rebanho”, somos o “resto de Israel” aqui nesta arquidiocese. A gente espera que haja possibilidade de resgatar (*o que éramos*). Embora no cenário da Igreja como um todo, com as mudanças que vêm ocorrendo desde João Paulo II – sobretudo agora com Bento XVI -, não haja muita esperança de que as coisas, nestes próximos anos, possam caminhar e tomar o fôlego que tinham antes destes ilustres pontífices. O cenário é mais de virada à direita. É a Igreja participando dessa virada à direita que o mundo deu com a globalização neoliberal.

O senhor acha que a CNBB segue essa linha? Ou está mais à esquerda?

A CNBB ainda se mantém à esquerda nos seus documentos oficiais. Porque ela também não pode voltar atrás de tudo quanto foi afirmado ao longo dos últimos anos em relação a uma postura de Igreja politicamente mais engajada, no sentido de os cristãos se envolverem com os problemas do povo deste país. Oficialmente, a Igreja ainda continua sendo uma voz que é solidária com os problemas do povo e, com certa força moral, edifica as melhores soluções para a vida dos trabalhadores e dos pobres. Oficialmente, este ainda é o tom dos documentos da Igreja. Agora, a pastoral como um todo, não tem mais, de jeito nenhum, a força que tinha. A CNBB continua mais à esquerda, graças a Deus. Agora, o jeito da Igreja como um todo é que está mais à direita. Há um processo de alienação muito forte. Há uma Igreja de massa muito entusiasmada. Mas pouca gente, dentro dessa igreja, leva a sério um compromisso, um engajamento mais sério nas lutas do povo.

Aproveitando que estamos em tempo de eleição: o senhor, que já teve contato com Josenildo Sinésio, está apoiando ele? Como é sua relação com ele atualmente?

Não. Hoje eu não tenho contato com ele. Também não tenho envolvimento com a candidatura dele. Eu ainda me considero militante do Partido dos Trabalhadores. Mas estou procurando gente nova que dê esperança de o Partido dos Trabalhadores voltar à sua proposta mais original, mais genuína, que anda sendo muito desgastada por desvios de conduta irresponsável de algumas figuras históricas, sobretudo do PT de São Paulo.

O senhor tem alguma consideração final a fazer?

Não. Apenas desejo que seu trabalho possa servir às causas maiores da Igreja e da humanidade.

